

A Expo 98 como destino de peregrinações contemporâneas

Vanda Lourenço

A presente comunicação tem origem num projecto de investigação desenvolvido pelo Observatório das Actividades Culturais já publicado e incluído na colecção Obs. Pesquisas com o título *Impactos Culturais da Expo' 98*.

Pretende-se com esta comunicação dar conta de uma das dimensões culturais da Exposição Mundial de Lisboa também explorada no estudo referido e nele apresentado como uma das dinâmicas da modernidade avançada, que se designou de *peregrinações contemporâneas*.

Antes, porém, de abordar a temática proposta, é importante dar uma pequena nota de enquadramento relativa ao desenvolvimento da investigação desenvolvida pelo Observatório.

A Expo'98, erigida num recinto construído para o efeito na zona ribeirinha da parte oriental de Lisboa, foi um evento marcante na sociedade portuguesa que mobilizou o país em diferentes áreas de actividade, produzindo repercussões a curto prazo e outras, com certeza, de maior alcance.

No que respeita à dimensão cultural do evento, e relativamente a alguns dos impactos de curto alcance que a realização da Expo'98 suscitou, destaca-se o volume inusitado de produções culturais, de onde podem salientar-se além dos Festivais realizados a pretexto da Exposição – nomeadamente o Festival Mergulho no Futuro e o Festival dos Cem Dias – outras realizações que envolveram muitos artistas, produtores, técnicos e agentes diversos, tanto portugueses como estrangeiros. O impacto na criação e produção cultural, envolvendo artistas e agentes culturais nacionais foi assim, entre outras, uma das consequências a curto prazo de realização da Expo'98.

A par da quantidade da oferta e por ela suscitada, assistiu-se também a um avolumar do espaço mediático concedido à cultura nos meios de comunicação social. Além do programa televisivo com maior visibilidade – Cais do Oriente –, a imprensa alargou e destacou substancialmente os espaços dedicados à cultura. Também alguma imprensa estrangeira, principalmente por ocasião da abertura da Exposição, deu conta do acontecimento situando o evento face ao país organizador e à cidade que o acolheu. A Expo'98 permitiu, desta forma, dar alguma visibilidade ao país no estrangeiro, embora pontualmente e nem sempre da forma mais eficaz.

Esta visibilidade ou a imagem de Portugal exportada para o estrangeiro a pretexto da Expo'98, assentou sobretudo num discurso oficial que contrapunha o passado e o presente do país, destacando o esforço de modernização ilustrado pela realização da Exposição Mundial de Lisboa.

São, entre muitos outros, alguns dos impactos a curto prazo que o estudo procurou analisar recorrendo sobretudo à imagem mediática proporcionada pelo evento. A avaliação de todas as repercussões decorrentes da concretização do evento, no entanto, só poderá ser realizada a longo prazo, uma vez que muitas das suas implicações só terão expressão quando passarem alguns anos sobre o acontecimento.

O que o estudo dos *Impactos Culturais da Expo'98* procurou fazer foi, quase em tempo real, uma vez que a investigação incluiu os quatro meses de duração do evento, proceder a uma análise dos efeitos a curto prazo produzidos, tendo como *corpus* empírico a imagem mediática produzida sobre o acontecimento.

Perante o vasto conjunto de temáticas possíveis relacionadas com a vertente cultural da Expo'98, e a escassez de tempo para as abordar todas, optou-se por centrar a comunicação num dos temas analisados, procurando

simultaneamente referir aspectos colaterais da investigação relacionados com o que se designou de *peregrinações contemporâneas*.

A importação da noção de peregrinação, quase sempre associado a acções de cariz religioso, centra-se no facto de se estar perante um evento que à semelhança dos grandes eventos religiosos mobilizou vastas populações a um lugar. Tal como as mobilizações de carácter religioso também a Expo'98 atraiu até si pessoas de várias partes do mundo com o intuito de visitarem a Exposição Mundial de Lisboa. Pode dizer-se que se esteve perante um evento que estimulou deslocações colectivas a uma espécie de «*santuário laico*».

Esta noção de mobilização colectiva com o intuito de presenciar uma ocasião única e efémera – importa lembrar que a Expo'98 foi visitada por mais de dez milhões de pessoas, dos quais cerca de 80 por cento portugueses – não deixa de surpreender se se tiver em conta que vivemos sob sistemas globais mediatizados que favorecem os consumos domésticos e individuais. A ideia de que os grandes acontecimentos ao vivo poderão eventualmente estar a perder sentido em sociedades bafejadas pelas tecnologias globais da informação que estimulam os consumos individuais e domésticos, não tem, pelo menos no que se refere a alguns acontecimentos, uma confirmação prática. O que parece verificar-se é exactamente o inverso. A exclusividade, o carácter único e efémero de um evento como foi o da Expo'98 mobilizou um conjunto vasto de populações com o intuito de presenciarem um acontecimento que provavelmente não terão ocasião de ver repetir-se. Neste contexto de aglomeração, densificaram-se as relações sociais, na medida em que a Expo'98 proporcionou o entrecruzamento de interesses e modos de estar variados num mesmo cenário de mobilização e convivialidade.

Mas as deslocações ou *peregrinações* à Expo'98 tiveram diferentes estímulos, relacionados com as vantagens que um acontecimento que reúne diferentes países e modos de cultura artística, mediática, lúdica, festiva, científica e tecnológica pode proporcionar aos seus visitantes. Assim, além das peregrinações de âmbito espacial, onde se incluem as locais, nacionais ou internacionais, outras houve quer segundo os ritmos e horários, quer segundo as práticas. Destacam-se as de visita didáctica, às de passeio informal, as de consumo gastronómico, às do consumo cultural, as de turismo de massas às de experiência virtual, as de convívio sereno às de sociabilidade radical.

O recinto da Expo'98 pôde ser entendido como um lugar simbólico ou, por outras palavras, a «*síntese do mundo localizada*», um espaço onde os visitantes experimentaram as sensações de viajarem pelo quatro cantos do mundo apenas em alguns hectares.

A viagem assim entendida remete-nos para os novos entendimentos do turismo e dos turistas associados às sociedades contemporâneas. As dinâmicas da globalização e mediatização, ao proporcionarem um maior fluxo de circulação de indivíduos, deram outro entendimento ao conceito de viagem. Em certa medida a sua dimensão temporal e espacial perdeu significado face à facilidade de deslocação e a uma nova concepção do turismo. Este novo entendimento do turismo é gerado não só pela massificação da viagem e da mobilidade mas também pelos dispositivos tecnológicos e sociais que permitem o acesso a bens, serviços e produtos de muitas outras sociedades sem implicar necessariamente a deslocação física dos sujeitos.

A Expo'98 também ilustrou de alguma forma esta nova abordagem relativa à viagem e ao turismo. A presença de pavilhões de vários países permitiu aos visitantes da Expo'98 uma viagem virtual pelo mundo. Foi comum entre os visitantes a assunção da viagem quando, deambulando pelo recinto em pequenos grupos separados, telefonavam do telemóvel e relatavam a entrada em diferentes pavilhões: "Olha, já fui à China, agora estou no México". Houve quem, num perfeito entendimento da viagem virtual, assumisse as longas filas de espera – algumas mais de seis horas – como o tempo da viagem até, finalmente, chegarem ao país de destino. Também os «*passaportes*», uma reprodução de

verdadeiros passaportes com a finalidade dos visitantes coleccionarem carimbos dos vários países representados comprovando assim a entrada ou a *estadia virtual*, garantiram a «certificação» da viagem virtual.

Os visitantes confrontaram-se assim com ambientes e lugares simbolicamente reproduzidos, vendo-se investidos de uma dupla condição de actores e espectadores num espaço encenado. Apesar da artificialidade do lugar, os visitantes, conscientes da viagem virtual, desfrutaram do lugar e assumiram o seu papel de actores num espectáculo que sabiam ser uma realidade construída com as representações de outras realidades. Tratou-se, em muitos casos, de turistas que protagonizaram conscientemente a sua dupla condição de actores e espectadores, que aceitam as regras do jogo ditadas por esse novo turismo, assente na comercialização de realidades encenadas, e que o encara, por norma, de uma forma lúdica.

Podem descrever-se de uma forma genérica e tendo presente a tipologia de John Urry mas alargando-a, quatro modos de frequência ou de pequenas *peregrinações* no recinto da Expo'98. É claro que não se podem considerar modos de frequência exclusivos até porque muitos dos visitantes da Expo'98 visitaram-na adoptando um ou vários modos de fruição propostos na tipologia. De qualquer forma, consideram-se de forma meramente orientadora, quatro grandes modos adoptados pelos visitantes da Exposição Mundial de Lisboa.

Por um lado as protagonizadas pelos visitantes «culturalistas-coleccionistas», ou seja, os que adoptaram uma postura didáctica e visitaram a Exposição com o «dever» ou a «obrigação» de coleccionar informação sobre especificidades dos países participantes. Pode dizer-se que estes entraram nos pavilhões dos vários países e procuraram ler os cartazes informativos ou utilizar as tecnologias multimédia postas à disposição com o intuito de aumentar/coleccionar conhecimentos. Nesta categoria incluem-se também os que visitaram a Exposição com a intenção de procurar outros motivos coleccionáveis, estes materializados nos carimbos de passaportes, nos selos, nos autocolantes, nos pin's e roteiros turísticos dos países participantes com o duplo objectivo de aumentar ou iniciar colecções e de ficar com uma recordação da Exposição Mundial de Lisboa.

Um segundo modo de «*peregrinar*» no recinto foi o adoptado pelos visitantes «culturalistas-especializados». Estes visitaram a Expo'98 com o interesse específico num determinado aspecto da Exposição, secundarizando outras componentes do evento. Enquanto para uns talvez tenha sido a arquitectura de um determinado pavilhão, para outros terá sido, provavelmente, um espectáculo específico ou uma tecnologia inovadora.

O terceiro e quarto modos de frequência propostos na tipologia foram os adoptados para os visitantes que privilegiaram sobretudo a deambulação pelo recinto, designados por turistas ou visitantes lúdicos da Exposição. Destacam-se os «*lúdicos conviviais*» e os «*lúdicos radicais*». Os primeiros encararam o recinto como um novo espaço de convívio social e foram em grande parte visitantes nocturnos que procuraram um restaurante agradável para jantar junto ao rio, um local para passear ou um espectáculo ocasional para ver. Finalmente, o último tipo de visita foi o correspondente aos visitantes «*lúdico-radicaís*». Estes elegeram as actividades de aventura ou a subversão dos espaços como primeira razão da visita. Desfrutaram de equipamentos próprios – o espaço Adrenalina equipado com diversões – e improvisaram outros, como são exemplos os banhos nas bolas de água cuspidas pelos vulcões simulados, a utilização dos jardins e dos relvados. Para alguns destes visitantes, a visita aos pavilhões foi secundarizada, privilegiando sobretudo a deambulação pelo recinto.

Além dos diferentes tipos de fruição dos espaços e dos conteúdos da Exposição Mundial de Lisboa apresentados na tipologia proposta, a Expo'98 gerou também outras *peregrinações internas* não relacionadas directamente com o consumo de bens simbólicos ou coleccionáveis. Os restaurantes de diversas nacionalidades, por exemplo, foram motivo de pequenas peregrinações

gastronómicas na procura de apropriação de sabores exóticos e desconhecidos. Assim, o contacto com pratos tradicionais de outros países completava a viagem virtual com odores e sabores típicos, tornando-a ainda mais autêntica.

Resumidamente, e para concluir, a noção de *peregrinações contemporâneas* procura dar conta de uma das características das sociedades avançadas que se relaciona com os interesses e estímulos específicos que mobilizam um conjunto extenso de pessoas para um mesmo lugar, com o objectivo de presenciar acontecimentos «ao vivo». Mas não só as peregrinações de âmbito espacial se consideram neste conceito, também as relacionadas com os modos de frequência/peregrinação e fruição do espaço.

Contrariamente às tendências que estimulam as práticas na esfera *endodomiciliar* relativas aos consumos domésticos proporcionados pelo sistemas globais das sociedades contemporâneas, parece verificar-se a tendência oposta: a necessidade de presenciar ocasiões únicas, *in loco*, mesmo que, nalguns casos, como foi o da Expo'98, a realidade ali representada não seja, em muitos casos, mais do que a reprodução de outras realidades. A necessidade de comprovar a estadia em ocasiões efémeras e a fruição do espaço em contexto de aglomeração, são um estímulo às mobilizações colectivas, entendidas como uma das dinâmicas das sociedades de modernidade avançada a explorar pela investigação sociológica.